**Por Beatriz Santoro e Thalita Archangelo**

**05 de julho de 2017**

De terreno cercado a espaço de lazer

*Exemplo de parceria entre diversos atores sociais, praça “Só alegria” melhora vida da comunidade Jd. Jaqueline*

Segunda-feira: algumas crianças jogam futebol na quadra e outras brincam no balanço do parquinho. “A próxima sou eu!”, grita uma garota de fora do campo. De mochila nas costas e uniforme, mais meninos chegam para se juntar aos outros. Uma mulher se exercita nos aparelhos de ginástica enquanto conversamos nos banquinhos de concreto com Nívia Maria, 42, líder da comunidade. Todos reunidos em um mesmo local: a praça “Só Alegria”, do Jardim Jaqueline, segunda maior favela da subprefeitura do Butantã, zona oeste de São Paulo.

Hoje cheio de vida, o espaço pouco se parece com o que era há menos de um ano atrás: uma área verde sem utilidade fechada e cercada pelo Shopping Raposo Tavares. Localizado nos fundos do estabelecimento, o “parque”, como alguns moradores chamam, passou por uma ampla reforma, resultado da união entre poder público, rede privada e população.

Nilma Lira trabalha há 8 anos como vendedora da barraca de frutas que fica em frente à praça e acompanhou de perto a mudança do local: “antes não tinha nada, ninguém usava [o espaço], não tinha nem como usar” mas agora, com a praça, “tem bastante gente”.

Uma das responsáveis pelo empreendimento, Nívia Maria, líder da associação de moradores, afirma que a comunidade “sempre teve uma carência de um espaço de lazer e de esporte” e a praça veio suprir essa necessidade. Com mais de três mil domicílios, o Jardim Jaqueline fica próximo ao Parque Raposo Tavares mas, segundo Nívia, a população não se sentia inserida neste parque por “ser mais distante”.

Para Rita de Cássia, 49, a praça “é uma benção” para a comunidade. Moradora há 32 anos do Jd. Jaqueline, Rita conta que se exercita nos aparelhos de ginástica com o marido, algo que não faziam antes. “As academias aqui perto são pagas e nem todo mundo tem dinheiro porém queremos nos exercitar, tirar o corpo da preguiça.”

As crianças são as que mais aproveitam o espaço, principalmente a quadra e o parquinho. “As crianças jogavam bola na rua. Muitas já foram atropeladas”, revela Nívia. Além disso, antes da reforma, as crianças muitas vezes pulavam a cerca do local para empinar pipa ou jogar bola o que já sinalizava o interesse dos pequenos por um lugar que os recebesse.

**O projeto**

Quem vê a praça talvez não imagine o trabalho que tenha sido projetá-la e, principalmente, implantá-la. Inaugurada em dezembro de 2016, ela é fruto de uma parceria entre as líderes comunitárias, Nívia Maria e Elizabete Silva, e alguns alunos da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) que realizaram o projeto. Com a planta em mãos, foi possível trazer o poder público e a rede privada para viabilizar o projeto.

Ouvindo as demandas da população, a FAU Social (criada em 2015 a fim de atender áreas de periferia da cidade) desenvolveu o projeto. Apesar das ideias serem muito promissoras para a comunidade, alguns obstáculos dificultaram a formalização do projeto. O primeiro deles foi a identificação do proprietário do terreno da praça. Acreditava-se que a região pertencia ao Shopping Raposo Tavares (que fica a poucos metros da comunidade), entretanto, com o aprofundamento do estudo, descobriu-se que o terreno é público, ou seja, de responsabilidade da subprefeitura do Butantã. O empreendimento foi procurado para esclarecimentos quanto à apropriação do terreno, mas até o fechamento da reportagem não se pronunciou.

O orçamento para a obra foi mais um ponto complexo. O total orçado para a execução total era de R$500 mil reais. Para conseguir angariar recursos, dividiram o espaço em sessões. Segundo publicado pela subprefeitura do Butantã, o playground e a academia foram financiados por uma emenda parlamentar. Já a iniciativa privada investiu na quadra, arquibancada e área de estar, com mesas e bancos. O responsável pela emenda foi o vereador Donato (PT).

A praça do Jardim Jaqueline serve de exemplo para que a sociedade perceba que suas demandas podem ser atingidas. Para Daniel Collaço, arquiteto e um dos responsáveis pelo projeto enquanto ainda era aluno da FAU, “o arquiteto é, de fato, um potencializador nesses processos, mas nunca sozinho.”

**Próximos passos**

A população utiliza a praça desde a sua inauguração, mas ainda faltam algumas partes do projeto serem finalizadas, como o anfiteatro, a horta comunitária e a entrada da praça. Mesas e cadeiras ainda faltam ser instaladas, mas segundo a líder comunitária Nívia Maria, a fixação desses equipamentos só é possível com uma máquina, que ainda não foi disponibilizada. Nívia ainda lembra que o grupo Raízes vai fazer grafite nos bancos da praça e um mutirão está sendo planejado, para limpeza e organização da praça, que sofre com falta de manutenção periódica.

Apesar desses problemas, Daniel Collaço, um dos responsáveis pelo projeto, afirma que o objetivo da arquitetura foi atingido: “melhorar a vida das pessoas com o espaço, criando novas relações”.